



## **MEMÓRIA E HISTÓRIA DE VIDA: CAMINHOS PARA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE**

Gercimária Sales da Silva

Universidade Estadual da Paraíba

[gercimaria@gmail.com](mailto:gercimaria@gmail.com)

Patrícia Cristina de Aragão Araújo

Universidade Estadual da Paraíba

Orientador, [Cristina\\_aragão21@hotmail.com](mailto:Cristina_aragão21@hotmail.com)

### **RESUMO:**

Este artigo tem como finalidade refletir sobre minhas experiências no âmbito educacional, perpassando por minha formação escolar inicial até a universidade e, o tornar-se professora, envolvendo os desafios e superações da docência. Apresento uma história de vida, relatada através de memória, reconstruindo trajetórias e traçando aspectos importantes da minha identidade docente, realizados a partir do componente curricular Formação Docente e Práticas Pedagógicas, cursada na Pós-graduação em Formação de Professores pela Universidade Estadual da Paraíba, com o intuito de perceber desde as primeiras vivências enquanto aluna, quais influências contribuíram e se tornaram significativas para minha profissionalidade docente. Será apontada como proposta de abordagem teórica as colaborações dos estudos sobre memória, partindo dos estudos desenvolvidos por Souza (2007), Silva (2010) e Costa (2012) e abordando a docência através de Penin (2009) e Marcelo (2009). Esta pesquisa utiliza fontes documentais como relato de história de vida, através de memorial, imagens fotográficas e fontes bibliográficas. Tenho plena convicção que a profissional docente que me tornei hoje é reflexo de toda história de vida percorrida e refletida na construção da minha identidade docente. Por tanto, revisitar minha memória para escrita deste artigo constituiu um exercício de resgate para o processo de reconhecimento dessa identidade.

**Palavras-Chaves:** Memória; Identidade; Docência.



## INTRODUÇÃO

“Ando devagar porque já tive pressa  
Levo esse sorriso porque já chorei demais  
Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe?  
Só levo a certeza de que muito pouco eu sei  
Ou nada sei

[...]

Cada um de nós compõe a sua história  
Cada ser em si carrega o dom de ser capaz  
De ser feliz.”

A linda canção Tocando em frente, de composição de Renato Teixeira e poeticamente cantada por Almir Sater retrata muito da minha história: sorriso, choro, força, aprendizado, amor, paz, compreensão, chegada, partida, desafios, fé, na certeza de que nada foi por acaso, tudo que vivi mesmo em meio às lágrimas, serviu-me de lição, na busca de modificar a realidade. Viver, acreditar e buscar dias melhores tornou-se uma meta a ser alcançada. Os desafios surgem, para que em meio a fé, a esperança e iniciativa, possam ser superados.

Refletir sobre minhas experiências educacionais, lembrando toda minha formação escolar, envolvendo o tornar-se professora, seus conflitos e sucesso, foi o que me propus a fazer neste artigo. Reflexão que surgiu a partir da escrita de um memorial para o componente curricular Formação Docente e Práticas Pedagógicas, cursada na Pós-graduação no Mestrado Profissional em Formação de Professores pela Universidade Estadual da Paraíba.

Para a efetivação dessa temática abordaremos as colaborações teóricas de Souza (2007), Silva (2010) e Costa (2012) relacionados à memória e Penin (2009) e Marcelo (2009) relacionados à docência, incorporando suas contribuições neste artigo.

Essa pesquisa utiliza fontes documentais como relato de história de vida, através de memorial, imagens fotográficas e fontes bibliográficas.

Retornar ao passado, para descrever minha história de vida, me traz a tona, muitas lembranças, sentimentos nem sempre positivos, momentos nem sempre felizes, mas superação e gratidão definem essa trajetória. Ao mesmo tempo, em que me oportuniza compreender como vem sendo construída a minha identidade



docente. Para Beijjaard, Meijer & Verloop (2004 apud MARCELO, 2009, p.112), “a identidade não é algo que se possui, mas sim algo que se desenvolve durante a vida. A identidade não é um atributo fixo para uma pessoa, e sim um fenômeno relacional”. Por tanto, escrevendo sobre meu eu, pude (re)descobrir mais de mim, na certeza de que a docente que me tornei foi fruto das relações que tive ao longo da vida.

Reconstruindo trajetórias, mencionarei momentos marcantes de minha história de vida. Para isso, organizei esse artigo em dois momentos. Num primeiro momento, relatarei o início da minha vida escolar, as primeiras vivências enquanto aluna, brincadeiras, ausências, influências, acontecimentos marcantes e significantes no tornar-se professora. No segundo momento, os desafios, as perspectivas e superação na profissão, na vida acadêmica até os dias atuais, como aluna da Pós-Graduação da UEPB, Mestrado Profissional em Formação de Professores.

Não é tarefa tão simples falar de si, mas faz-se essencial salientar o quão gratificante foi. “Mergulhei” nas lembranças de um passado, ora bom, ora alegre, ora difícil, mas sem dúvida, esperançoso!

Para Silva (2010) “refletir sobre o passado com sua presente formação pessoal, traz consigo reflexões e observações que podem assegurar-lhe um novo olhar. “Sendo assim, é imprescindível dizer que todo esse caminho trilhado contribuiu significativamente na profissional que me tornei, vale a pena revivê-lo”.

## **1. ESCOLA: LUGAR DE VIVÊNCIAS, PASSOS DECISIVOS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE**

Regressar ao passado para relembrar o início da minha escolarização, me fez reviver momentos especiais que contribuíram e se tornaram significativos para minha vida profissional. Para Costa (2012) “Ao escrever sobre si, vamos refletindo sobre como nos tornamos quem somos, e especificamente na formação docente, vamos refletindo sobre quem somos no contexto educacional”. Moldamo-nos no processo de construção e reconstrução de nossa história de vida.

Nasci, cresci, dei início a minha vida estudantil e vivo tornando-me parte do que sou, no município de Alagoa Grande – PB. Aos quatro anos, minha mãe colocou-me para estudar numa “Escolinha de reforço” na rua em que morava com as professoras “tias” Rosinha e Marinês”. Inicialmente me foi transmitido os saberes



relacionados à aquisição da leitura, escrita e dos números. Recordo-me que comecei a ser motivada e despertada para o mundo da escola, iniciando meus primeiros rabiscos e a viagem ao maravilhoso mundo da leitura e da escrita.

No ano seguinte, ao completar cinco anos, em 1985, fui matriculada no Grupo Escolar Apolônio Zenaide, hoje Escola Estadual de Ensino Fundamental Apollônio Zenayde, para estudar a 1ª série, não precisei ser matriculada na alfabetização, pois já tinha iniciado o processo de alfabetização.

Consigo recordar da necessária utilização da farda, das filas ao entrar na sala, da diversão na hora do recreio e de cada professora dos anos iniciais. Todas dignas de admiração e respeito, mas nenhuma tão marcante e inesquecível como a primeira: tia Livramento. Sua amabilidade e paciência em ensinar deixaram marcas positivas.

Durante esse período de minha vida, cresci ouvindo as lindas histórias de minha mãe, sobre a sua profissão enquanto solteira: professora, ela era professora! Morava na zona urbana, mas ensinava na zona rural, caminhava “léguas e léguas”, como assim chamava, juntamente com alguns alunos em direção a escola, deixava nítido o prazer, a alegria, e o entusiasmo de ir até lá. Essas histórias me alimentavam de esperança e sonhos.

Já bem criança, amava brincar de “escolinha” e sempre era a professora, sozinha ou acompanhada a imaginação fluía e dava minhas aulas sempre reproduzindo na brincadeira o reflexo das professoras da época.

Ressalto ainda como marcante nessa fase inicial de minha vida, o abandono pelo meu pai, quando ainda tinha seis anos. Momento imensamente triste, decepcionante, mas que também, me deu forças para seguir depois da dor de forma positiva, e sem dúvida alguma me serviu de inspiração para buscar em meio aos estudos, a vontade de vencer. As dificuldades financeiras eram imensas, mas, minha mãe, uma mulher guerreira, amável e carinhosa, sempre me educou com muito amor e sabedoria, me incentivando constantemente a estudar. Isso me encorajou a mudar de vida e tenho certeza que já com essa pouca idade, começava ali a vontade de vencer, trabalhar, transformando essa realidade, utilizando como caminho os estudos.

Pouquíssimas fotos guardo desse momento da minha vida estudantil, pois como já mencionei as coisas eram muito difíceis. Essa abaixo com a minha irmã, marca esse momento de vida.



Figura 1: Acervo da autora – Minha irmã e eu com a farda da escola

Era uma aluna muito dedicada, estudiosa, obediente, sempre tirava notas excelentes e amava ir à escola.

Para estudar a 5ª série até a 8ª, hoje 6º ao 9º ano, fui matriculada em outra instituição Escola Estadual de 1º e 2º Graus Padre Hildon Bandeira.

Essa etapa conhecida como 1º Grau foi marcada por algumas mudanças, horários de aula, entrada e saída de professores, espaço físico escolar bem amplo com quadra, campo, entre outros. Tinha professoras e professores diversos, uns excelentes, preocupados com os alunos, outros nem tanto. Evidencio aqui as aulas maravilhosas de Língua Portuguesa, da querida professora Neli, que nos conduzia a aprender de uma forma que nos desafiava e nos capacitava, deixando marcas significativas na minha vida estudantil.

Aquela brincadeira de “escolinha” vez ou outra era revivida por mim, passando a tornar-se meu sonho profissional.

No final da 8ª série, com 13 anos, recebi o convite para lecionar por um período curto numa pequena escola particular da cidade e, aquela menina que cresceu brincando de ser professora, teve a oportunidade de tornar real aquela brincadeira. Essa experiência foi positiva e suscitou ainda mais em mim o gosto pela profissão, como também a busca por ela.

Relatando esses momentos vou revivendo e compreendendo os caminhos percorridos e decisivos na formação da minha identidade docente.

Para Silva (2010) “escrever a própria história configura-se como a ação de buscar conhecer a si mesmo, por meio da (e na) qual o sujeito



vai (re) construindo uma trajetória, que não é linear ou mensurada objetivamente”. E nesse buscar conhecer a mim mesmo, descobri que foi na magia da brincadeira, nas contribuições das vivências significativas e no incentivo ao estudo, que emergiu o desejo pela profissão docente, sentindo a necessidade de habilitar-me para exercer tal função.

Como no município que residia existia o Curso Magistério, que me proporcionaria a habilitação para realizar a tão sonhada docência, resolvi cursá-lo simultaneamente com o 2º grau científico. Em 1994 fui matriculada, pela manhã fazia o magistério e a noite o científico.

Nesse mesmo período, nova oportunidade surgia: fui convidada a trabalhar numa escola particular como secretária. Aceitei o convite, era consciente que não seria fácil estudar pela manhã e a noite, conciliando com o trabalho a tarde, mas aquele dinheiro por pouco que fosse, iria ajudar-me demais naquele momento.

Os dias passavam e seguiam a difícil e puxada rotina, estudo manhã, trabalho a tarde e estudo a noite. Precisava dormir tarde e acordar bem cedo para dar conta de realizar as atividades propostas, as que eu me submeti enquanto aluna. Como sempre gostei de estudar, fazia isso sem murmurações, mas não foi fácil, por várias vezes o cansaço me vencia ao mesmo tempo em que os estudos me estimulavam.

Quanto mais freqüentava o Magistério mais me encantava pela docência. Evidencio nesse período vivências que deixaram contribuições significativas, como também, professores marcantes e decisivos nesse processo de formação.

No 2º grau científico, apesar de gostar muito de estudar, vivi uma experiência negativa, comecei a apresentar algumas dificuldades, reconheço, já não tinha mais tanto tempo para os estudos como era necessário e fiquei pela primeira vez numa prova final.

Os anos se passaram, e o tão sonhado vestibular estava cada dia mais próximo.

Em 1996, fui demitida da escola em que trabalhava como secretária. Inicialmente, fiquei imensamente triste pois o dinheiro fazia muita falta. Mas com o passar dos dias percebi o quão necessário foi para preparar e vivenciar o meu estágio regente exigido no Magistério e também intensificar os estudos para encarar o vestibular.

No estágio regência no Magistério, recebi uma turma numerosa, com alunos extremamente trabalhosos nas questões comportamentais e também com sérias dificuldades de aprendizagem. Não foram dias fáceis, senti-me insegura e frustrada em algumas situações, conhecia a teoria e pouquíssima prática, mas sabia que para a prática não havia uma receita única e infalível, algumas repostas só o dia a dia me daria. Continuei com vontade de seguir



na profissão, apesar dessa experiência negativa, mas, única e particular.

Para Souza (2007) “O pensar em si, falar de si e escrever sobre si emergem em um contexto intelectual de valorização da subjetividade e das experiências privadas.” A escrita de mim mesmo, me impulsiona a (re) descobrir experiências significativas em meu processo de formação docente, na construção da minha identidade.

Ainda em 1996 tive a alegria de concluir o 2º Grau Científico e o Magistério. Foram anos de estudos, lutas, decepções, alegrias, mas vivenciar esse momento tinha um sabor maravilhoso: sabor de conquista!

Nesse mesmo ano, experimentei meu primeiro vestibular. Optei pelo Curso de Letras, não obtive êxito. Não desanimei! Continuei alimentando esse sonho durante uma época da minha vida.

Em 1997, fui convidada a voltar a trabalhar naquela escola na mesma função: secretária, executando funções diversas que iam muito além do que me cabia, recebia pouco para as funções exercidas. Como costume tirar lição de tudo, inclusive com o que é sofrido, difícil, com esse emprego não foi diferente, toda a experiência adquirida, é impossível medi-la em reais.

O desejo de vivenciar um curso superior me inspirou a tentar mais um vestibular. Lembro-me que não podia pagar cursinho, o que seria uma possibilidade de aumentar as chances na época. Prestei vestibular, mas infelizmente não tive êxito outra vez.

Continuar trabalhando e estudando, era o que poderia fazer na perspectiva de que dias melhores viriam.

## **2 A DOCÊNCIA E O ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

Os dias seguiram e um importante acontecimento marcou o ano de 1998, o primeiro concurso público no município que residia com muitas vagas para professora polivalente exigindo o curso Magistério como habilitação. Fiz esse concurso, fui aprovada e recebi a portaria no início de 2000. Deixei o emprego de secretária e passei a ser professora concursada, tornando real um sonho de infância. A primeira escola que trabalhei era distante, localizada na zona rural, o caminho perigoso, sobretudo em dias de chuva, mas a alegria e satisfação eram imensas.

Minha primeira turma como professora concursada foi a antiga 1ª série, tinha 30 alunos, faixa etária entre 8 e 30 anos, alguns



repetentes, uns com pouco ou nenhum domínio da leitura e escrita. Essa turma me trouxe muitos desafios, não era fácil atividades que atingissem alunos com idades tão distintas, ainda não tinha domínio de estratégias diferenciadas para trabalhar a leitura e a escrita; mesmo assim, alguns se alfabetizaram. É vivenciando, na relação uns com os outros, que aprendemos. Como diz Penin (2009) "A relação pessoa/profissão ocorre ao longo da vida produtiva, num processo contínuo, eivado, como é comum, de experiências tanto estimulantes como tensas e conflituosas". Descobri que é na prática que nos tornamos professores/professoras, e vamos construindo nossa identidade docente, o diploma adquirido é só um começo, um passo em meio ao longo e contínuo caminho a ser percorrido em busca da melhoria educacional.

Um novo anseio surge com a sonhada docência, a busca por um curso superior que me oportunizassem mais conhecimentos para lidar com o novo: a sala de aula e suas singularidades.

Assim como eu, muitos professores e professoras do município não tinham curso superior, e em detrimento às novas exigências do MEC, o ensino superior se fazia necessário. Graças a essa exigência, o gestor da época fez um convênio com a UEPB, e o Curso Pedagogia seria ofertado para nós professores e professoras, com um limite de 40 vagas para o nosso município. Como éramos 120 profissionais sem curso superior até então, houve um vestibular para essa seleção. Finalmente, iria concorrer em um vestibular diferenciado, dessa vez, bem menos concorrido, o que aumentaria as chances de aprovação. Estudei muito, me dediquei imensamente e tive a graça, o êxito, de ser aprovada e classificada.

O Curso Pedagogia ocorreu em regime especial, entre os anos de 2002 a 2004. Aulas sempre aos sábados, o dia inteiro, com intervalo para almoço e durante as férias, no mês de janeiro, de segunda a sexta seguindo o mesmo horário. Não precisávamos ir até a Universidade, professores e professoras vinham até nós.

Não era simples e fácil ensinar de segunda a sexta e aos sábados estudar o dia inteiro, mas era gratificante, e Pedagogia me encantava a cada dia, realmente era o curso que precisava. Convivi com professores e professoras excelentes, compromissados, pacientes e incentivadores na continuidade de nossa formação acadêmica.

Em 2004, nossa Colação de Grau, ocorreu no Spazzio em Campina Grande-PB, juntamente com todas as professoras e professores dos municípios da Paraíba envolvidos nesse convênio. Fui selecionada para colar grau em nome da turma de Alagoa Grande. As fotografias abaixo refletem minha satisfação em participar desse momento extremamente importante para minha profissão!



Figura 2 e 3: Acervo da autora – Colação de Grau - Pedagogia

Os anos se passaram, cada ano novos aprendizados, desafios, novos alunos, alunas e novas séries. A realização profissional e a alegria invadem o meu ser. Posso contribuir fazendo bom uso das minhas aulas, de forma significativa na construção de um mundo melhor. Seja em alguns momentos educando, ensinando, mediando, incentivando, ministrando, orientando ou conduzindo, sinto-me convidada a dar essa parcela de contribuição.

A cada ano, a busca incessante por mais aprendizado.

A busca pelo aperfeiçoamento é algo inevitável na vida de um docente, por isso, em 2006, resolvi cursar uma pós-graduação *lato sensu*: Psicopedagogia pela FIP (Faculdades Integradas de Patos) com carga horária de 360 horas, duração de um ano. Os conhecimentos adquiridos, entre tantos outros, me proporcionaram compreender mais especificamente as dificuldades de aprendizagem dos alunos.

Os anos se passaram e em 2009, me dediquei a estudar para fazer outros concursos, na busca de uma estabilidade financeira melhor. Todos os concursos que fiz nesse período passei, escolhi trabalhar em um município bem próximo ao que resido apenas 20 km de distância aproximadamente. Se por um lado trabalhar o dois horários, me proporcionou uma estabilidade maior, por outro, me reduziu o tempo para continuar estudando.

O distanciamento de uma pós-graduação *stricto sensu* tornou-se perceptível e acreditei na impossibilidade para realização de tão almejado sonho. Participei de algumas capacitações, congressos, cursos, todos com pouca duração, que abordavam temas voltados para algumas questões específicas de sala de aula. Porém fiquei distante do fantástico mundo acadêmico.



O desejo de fazer um Mestrado sempre estivera presente em mim, apesar das dificuldades aparentes. Os anos se passaram e em outubro de 2016, fui convidada a participar de um Seminário para conhecer um pouco mais sobre a pós-graduação *stricto sensu*. Minha curiosidade me despertou a participar, foi um momento ímpar, de ensinamentos e incentivos, saí determinada a participar do processo seletivo. Ao chegar em casa, li atentamente o edital para o Mestrado 2017.1 da UEPB. Em meio a muitas dúvidas, receios, inseguranças, refleti sobre as inquietações atuais, busquei ajuda e dei início ao projeto para participar da seleção. Literalmente, fui correr atrás do tempo perdido.

Refletindo sobre as inquietações atuais percebi aflorada mais intensamente em mim a desvalorização pelo patrimônio histórico e cultural do nosso belíssimo e riquíssimo município Alagoa Grande-PB, por isso, me propus a trabalhar essa temática, buscando a reflexão da Educação Patrimonial na Escola, visando trabalhar esse patrimônio de forma significativa. Fiz a inscrição, enviei o projeto, fui aprovada, realizei a segunda etapa, a prova escrita, também fui aprovada e participei da arguição, terceira e última etapa e também obtive sucesso. Durante essas etapas os dias não foram fáceis, foram estressantes, corridos, de estudos intensos e muita dedicação. Mas vivenciar cada uma dessas etapas, obtendo sucesso, me estimulava mais e mais a enfrentar e vencer a outra; renascia em mim aquela aluna apaixonada pelos estudos. Fui aprovada e classificada! Tive o privilégio de ingressar na turma 2017.1 do Mestrado da UEPB. O sonho ora distante, agora, real verdadeiro.

Estar cursando um Mestrado agora em 2017 é um valioso presente de Deus, o rogo saúde e sabedoria para enfrentar este novo, que cada dia me surpreende e me faz enxergar o quanto à formação continuada na docência se faz necessário, imprescindível. Vejo na busca de saberes o caminho, o crescimento. Sigo (re) construindo minha identidade docente tanto na formação como nas interações. Ler, estudar, pesquisar, aprofundar, interagir é o caminho.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Termino este artigo com a certeza de que tudo que vivi, ao longo dessa carreira que almejei trilhar, as decepções, cansaço, desafios, inseguranças, medos, desânimo, as experiências, tiveram sua relevância na profissional que resulto hoje. Considero-me uma profissional realizada. Mas é necessário evidenciar, que a busca pelo conhecimento, aperfeiçoamento, precisa ser constante.



O caminho é longo, sem previsão de chegada, porque para o conhecimento, não há uma chegada prevista, não há uma parada certa, obrigatória, há caminhos diversos, com direções distintas, mas com objetivos em comum. Não há limites para o saber, visto que é uma fonte inesgotável.

Prosseguir sempre, rumo a dias melhores! Que a educação possa ser o agente transformador dessa sociedade!

## **REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS**

COSTA, Silvano Sulzart Oliveira. **Caminhos para o conhecimento de si: narrativas auto (biográficas) na formação inicial/continuada de professores.** VI Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”. São Cristovão-SE, 2012.

Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br> > Sertanejo > A > Almir Sater > Acesso em: 02 de maio de 2017.

MARCELO, Carlos. Trad. Cristina Antunes. **A identidade docente: constantes e desafios.** Formação Docente, Belo Horizonte, v. 01, n. 01, p 109-131, ago/dez. 2009

NASCIMENTO, AD., and HETKOWSKI, TM., orgs. **Memória e formação de professores** [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. 310 p. ISBN 978-85-232-0484-6. Available from SciELO Books < <http://static.scielo.org/scielobooks/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186.pdf> >

PENIN, Sônia. MARTÍNEZ, Miquel. **Profissão docente: pontos e contrapontos.** São Paulo: Summus, 2009.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **O memorial no espaço da formação acadêmica: re (construção) do vivido e da identidade.** Ed. Perspectiva, Florianópolis, v. 28, n. 2, 601-624. 2010.